

O resgate da dívida social do País * 6 JUN 1991

passa pela educação

**Olavo Drummond
Filho***

O modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil, apesar de ter resultado, até o início dos anos 80, na maior expansão econômica jamais experimentada por qualquer outra nação, revelou-se uma total inadequação para os reais interesses do país. Os índices de mortalidade infantil — 250 mil crianças morrem antes de completar o primeiro ano de vida — e do analfabetismo, que atinge mais de 25% da população, comprovam que o modelo de desenvolvimento seguido pelo país criou uma enorme dívida social.

Hoje, ao contrário do que se pregava há 20 anos, a força de uma nação não se mede pela abundância dos seus recursos naturais e tampouco pelo volume de sua população. Se assim fosse, o Brasil, pela fertilidade de seu solo e pelas potencialidades de seu subsolo, seria um dos países mais ricos do mundo; se o parâmetro fosse o tamanho do PIB, o Brasil integraria o grupo das nações mais ricas do mundo. Infelizmente, isso não corresponde à realidade.

Esse calamitoso quadro na área social se deve sobretudo ao fato de que, nas últimas décadas, só o setor de infra-estrutura foi priorizado neste país. Não se discute a validade dessas obras, mas sim seus custos e os critérios que as levaram à condição de prioridades de governo. O fato é que os administradores públicos descobriram que essas obras rendiam muitos votos, além de ser presa fácil para a corrupção. A ausência de investimentos nos setores de saúde e educação é responsável por esse quadro de incompetência que hoje assola o País.

Se por um lado temos ótimas estradas, por

outro temos um povo miserável, despreparado, subnutrido, vivendo sem um mínimo de dignidade humana.

O maior patrimônio de um país é a sua gente. O Japão, pelo grau de desenvolvimento que alcançou, é um exemplo definitivo dessa tese. Apesar de todas as condições adversas que a natureza lhe impôs, sem contar as duas bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki, o país do sol nascente integra hoje o grupo das nações mais ricas do mundo. Todo o crescimento econômico japonês está calcado, basicamente, sobre o homem, sobre o capital humano.

O Brasil, enquanto mantiver essa visão tacanha de que o desenvolvimento econômico é obtido na base da matéria-prima abundante e mão-de-obra barata, não chegará a lugar nenhum. É preciso que o País sofra uma mudança radical de mentalidade. A grande carência nacional está na esfera do capital humano. Falta gente preparada para gerenciar as tão encantadas potencialidades naturais do país. Como a melhor forma de se combater um problema é atacando-o pela raiz, a prioridade nacional tem de ser a criança. A formação de quadros pressupõe o investimento firme na infância, contemplando-se as áreas de educação, saúde, orientação profissional, esportes e cultura. Enfim, é fundamental que se resgate a enorme dívida social que se foi avolumando nestas últimas décadas.

Não se trata de assistencialismo. Até porque os tempos modernos não reservaram um lugar de destaque para o Estado paternalista. Trata-se, isso sim, de apoio à formação de gerações que poderão levar o País a um porto seguro.

* Empresário, advogado e diretor do Centro do Comércio do Estado de São Paulo.